

III - ENTREVISTA DA VEZ

Clara Oliveira Goedert

“A primeira dama dos Recursos Genéticos do Brasil”

Entrevistada por: **Renato F. A. Veiga**



Eng^a. Agr^a. nascida em 1936, em Piratini - Rio Grande do Sul – Brasil. cursou Agronomia na Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, em Pelotas, MSc. Na Universidade de Wisconsin, USA e Ph.D na Universidade de Reading, GB. É Pesquisadora da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia desde 1978, especialista em manejo de recursos fitogenéticos em especial produção, citogenética e conservação de germoplasma. Liderou a criação da Sociedade Brasileira de Recursos Genéticos e foi eleita a primeira presidente; foi líder e responsável pelo Programa Nacional de Recursos Genéticos da Embrapa de 1992 a 2003; e, também Coordenadora Internacional de Recursos Genéticos junto ao IICA/PROCISUR. Atualmente assumiu a Coordenadoria Internacional do PROCIGEN no PROCITRÓPICOS.

1) Faz muito tempo a Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia coordenou um curso internacional de recursos genéticos, no qual tive a honra de participar e de ser beneficiário do mesmo para toda minha vida profissional. Você acredita que ele tenha atingido os objetivos? Se sim, você acredita que outros daquele tipo deveriam ser efetivados novamente?

R: Quando o Programa Cooperativo para el Desarrollo Tecnológico Agroalimentario y Agroindustrial del Cono Sur (Procisur) fez mudanças na sua estrutura organizacional de atuação, passando da realização dos trabalhos por meio de Projetos por Produtos, para Projetos por Áreas científicas de importância para a região sul da América Latina, Recursos Genéticos foi uma dessas áreas escolhidas, sendo eu convidada para exercer a Coordenação Internacional com o compromisso de implantação e organização dos recursos genéticos daquela região. De início, não foi muito fácil, mas houve muito interesse e apoio dos pesquisadores de recursos genéticos dos países participantes e também da diretoria do PROCISUR, e aqui chego ao ponto, para responder a tua pergunta sobre o Curso que realizamos: desde as primeiras reuniões da equipe de RG foi destaque a demanda dos países por treinamento na área de conservação e manejo de recursos genéticos. Com o apoio incondicional do Cenargen, que colocou à disposição do Curso, sua infraestrutura de salas e laboratórios assim como transporte dos participantes, contou-se com a equipe de recursos genéticos das diversas áreas de

pesquisa e desenvolvimento para ministrar as palestras teóricas e práticas. Contando também com o apoio essencial do International Board for Plant Genetic Resources (IBPGR), não tenho nenhuma dúvida, que o Curso alcançou seus objetivos, principalmente, no que tange a plantar a semente de recursos genéticos e sua importância para a sobrevivência da humanidade na cabeça dos participantes. As tuas palavras expressas na contextualização da pergunta, é uma prova incontestável.

Pois é, Renato, aquele Curso foi realizado em 1989, portanto há 26 anos, e não me lembro, salvo engano meu, se nesse período o Cenargen ofereceu um treinamento semelhante; mesmo ocorrendo a realização de vários cursos em áreas específicas. Contudo, expressei muito firmemente que deveríamos ter programado e realizado cursos de treinamento abrangentes e básicos em recursos genéticos, tanto nacionais quanto internacionais. Sabe-se que as atividades de pesquisa e apoio em conservação e uso de recursos genéticos são de resultados a médio e longo prazo, apresentam altos custos para implantação dos laboratórios e equipamentos para conservação, mas trazem benefícios de extrema importância para a sociedade, principalmente no que se refere à segurança alimentar das gerações presentes e futuras.

2) Você coordenou os Programas de Recursos Genéticos da EMBRAPA e os Bancos Ativos de Germoplasma por muitos anos, como foi o desenvolvimento das ações para iniciar e sedimentar a programação de pesquisa em recursos genéticos ao longo dos anos?

R: Para responder sua pergunta, eu preciso fazer um retrospecto na memória do desenvolvimento do sistema de recursos genéticos na Embrapa, no qual, a Rede de Bancos Ativos de Germoplasma (BAG) constituiu-se desde o início, num dos pilares de sustentação do Sistema Nacional de Pesquisa em Agropecuária (SNPA) e o principal agente de alimentação da coleção de base de germoplasma, localizada no Cenargen. No ano de 1980, a Embrapa estabeleceu o Programa Nacional de Pesquisas em Recursos Genéticos (PNPRG), designando o CENARGEN como a Unidade Coordenadora desse Programa no âmbito nacional. Este PNPRG se caracterizou por ser formado por Projetos por Produto, concentrando todos os Subprojetos de pesquisa em recursos genéticos do respectivo produto ou espécie, executados não só pelos Centros da Embrapa, mas também por outras instituições participantes do SNPA. Nessa época do PNPRG foi organizada, ou melhor, formalizada a primeira Rede de BAGs com a especificação das atividades de pesquisas inerentes a recursos genéticos, levantamento do número, localização e situação dos BAGs. Ficamos 14 anos utilizando esse modelo, que na minha concepção foi o melhor modelo organizacional e o mais eficiente PNPRG que a Embrapa já teve. Depois do citado programa foi estabelecido em 1994, um novo Sistema Embrapa de Pesquisa (SEP) priorizando 16 Programas de Pesquisa, entre os quais constou o Programa 2-Conservação e Uso de Recursos; este modelo permaneceu até 2003, quando novo SEP foi adotado, passando o programa de recursos genéticos a

se chamar Rede Nacional de Recursos Genéticos (RENARGEN) e sendo obrigado, além de se transformar em uma Rede, competir com outras Redes de grandes projetos quanto ao mérito técnico e importância estratégica imediata para o país, assim como, competir por recursos financeiros. Infelizmente, sob o ponto de vista de orçamento, o tal modelo foi desastroso, colocando em risco a continuidade dos projetos de recursos genéticos no SEP. Após seis anos, inventaram outro título para o programa de recursos genéticos: Plataforma de Recursos Genéticos que foi dividida em quatro Plataformas distintas para Plantas, Animais e Microbiana, sendo a quarta chamada de Plataforma Transversal onde ficaram locados os projetos que perpassam as outras Plataformas, como por exemplo, a documentação e informática e outros. No momento atual, novamente inventaram outro sistema de planejamento da Embrapa e os Recursos Genéticos agora estão incluídos no chamado Portfólio de Recursos Genéticos, estruturado em três Vertentes autônomas: Vegetal, Animal e Microbiana, nas quais se inserem todos os projetos de RG, respectivos de cada reino. O ponto positivo desse modelo em vigor é a não competitividade entre os diferentes projetos que constituem as Plataformas.

Repassando e refletindo sobre a história pregressa do programa de recursos genéticos nos 42 anos da Embrapa, chego à conclusão de que as trocas de títulos desse programa não alteraram as bases, os fundamentos, os objetivos, as metas e prioridades estabelecidas desde a implantação do primeiro programa em 1980. (Desculpe a comparação, mas parece o cachorro querendo pegar o próprio rabo.)

3) Como você vê a atual situação dos bancos ativos de germoplasma da Embrapa?

R: Como te disse no início desta entrevista, os Bancos Ativos de Germoplasma (BAGs) são o pilar de sustentação do programa de recursos genéticos em toda sua extensão e dos programas de genética e melhoramento. Nestes BAGs são realizadas pesquisas e manejo dos recursos genéticos no intuito de se conciliar os esforços de conservação da agrobiodiversidade com o desenvolvimento sustentável. Neste contexto, durante os anos em que coordenei os vários programas de Recursos Genéticos (RG) da Embrapa, sempre priorizei as atividades de pesquisa e manutenção dos BAGs dando apoio aos curadores e fazendo de forma equânime a distribuição de recursos financeiros, que, aliás, nunca foram suficientes para todas as tarefas e todos os BAGs, mas que ao menos viabilizaram a sua conservação.

Nos últimos anos, resolveram criar um cargo de Supervisor de Curadorias com função gratificada, para tratar e coordenar a Rede de BAGs, que no meu conceito foi um “non sense”, pois, os BAGs são parte real e ativa do sistema de RG e este é regido por um Coordenador, que tem como dever desempenhar suas atividades em nível nacional em estreita interação com os Curadores dos BAGs. Não há razão para essa duplicação de função. O fato é que, embora as bases e objetivos do PNPRG não tenham sido afetados pelas constantes mudanças de títulos, a atuação e desempenho dos BAGs foram fortes

e negativamente afetados em suas atividades, em consequência da falta de diretrizes gerais do PNPRG relacionadas à Rede de BAGs e principalmente, uma vez mais, pelo “non sense” dos gestores de pesquisa da sede da Embrapa e do Cenargen, de elaborar e apresentar à Diretoria da Embrapa uma proposta para estabelecer normas de um Sistema de Curadorias, sem ouvir a comunidade e fora do contexto básico e universal do “trabalhar recursos genéticos” para a segurança alimentar da humanidade. É uma crítica, mas também tenho sugestões mais adequadas e mais efetivas para a organização e avanço das ações do Programa de Recursos Genéticos da Embrapa.

4) Como idealizadora do movimento que culminou com a criação da nossa Sociedade Brasileira de Recursos Genéticos, você acredita que a SBRG está no caminho certo?

R: Na verdade, a ideia, ou melhor, o sonho de criar uma Sociedade Brasileira de RG surgiu depois que tive a experiência de ficar à frente da Associação Brasileira de Tecnologia de Sementes – ABRATES – como Presidente eleita, por quatro anos. Esta Associação já passava da sua primeira década de existência, mas carregava todos os problemas iniciais de organização e implantação de uma instituição de classe sem objetivos de lucro: poucos associados, caixa quase nula, dívidas para pagar e obrigação estatutária de realizar o Congresso de dois em dois anos.

Ao ser chamada pela chefia do Cenargen para Coordenar o Programa de Recursos Genéticos no início da década de 90, o desafio foi imenso, mas os horizontes lá longe apareceram. No decorrer dos anos, a equipe de recursos genéticos do Cenargen, Centro referencial e coordenador de RG do sistema Embrapa de pesquisa, foi organizando e priorizando as espécies de plantas e mais tarde de animais e microrganismos, as linhas de pesquisas inerentes a RG, os BAGs nos Centros da Embrapa e outras instituições parceiras; paralelamente aos resultados que foram sendo obtidos na execução das atividades, verificou-se que foi aumentando a quantidade de pesquisadores, professores, estudantes e produtores envolvidos com a conservação e uso sustentável dos recursos genéticos. Assim, a necessidade de se constituir uma associação foi naturalmente surgindo com o passar dos anos, culminando com a criação da Sociedade Brasileira de Recursos Genéticos, proposta por sinal apresentada por você mesmo, e aprovada pela Assembleia Geral dos presentes no Congresso realizado em Salvador, Bahia. A realização do meu sonho foi um esforço conjunto de coragem de assumir esse desafio de vários colegas, entre os quais destacamos o Juliano Gomes de Pádua, Maria do Socorro Maués, Magaly Wetzel, Marcos Aparecido Gimenes, Manoel Abílio de Queiróz, Miguel Luiz Menezes Freitas, Osmar Alves Lameira, Roberto Lisbôa Romão, e você, entre outros.

Em 2016, em Curitiba vamos para o nosso IV Congresso, que é o evento principal da Sociedade para a congregação e interação dos associados. Você me pergunta se a SBRG está no caminho certo. Eu lhe digo que sim, pois é uma Sociedade muito nova dentro de

uma área da ciência, que tem menos de setenta anos da atenção mundial sobre a importância do manejo, conservação e uso sustentável da biodiversidade para a segurança alimentar da humanidade no mundo. Está no caminho certo, porque vem desenvolvendo estratégias, para divulgar informações sobre os recursos genéticos para consolidação de uma consciência nacional, sobre a importância da conservação e utilização dos recursos genéticos, dentro do contexto da biodiversidade. Considerando a imensidão e a megadiversidade deste país, a SBRG vem utilizando a estratégia de incentivar e apoiar a organização de Redes Regionais de Recursos Genéticos, como forma de concentrar os estudos em recursos genéticos da flora e da fauna da região, sua conservação, manejo e uso sustentável em benefício da sociedade. Hoje, a SBRG conta com duas Regionais de RG muito organizadas e com avanços significativos no contexto nacional, a Regional de RG do Sul e a Regional de RRGV do Nordeste, as demais ainda estão por se estruturar. Nossa SBRG é nova, mas está no caminho certo, lembrando a recente inclusão de uma nova diretoria de Curadorias e Redes Regionais, mas necessitando ampliar seu quadro de associados e contar com o apoio das instituições diretamente relacionadas à agricultura e a produção de alimentos.

Estimada Dra. Clara, foi fácil e unânime a escolha do seu nome para ser a primeira entrevistada da revista RG News, já que você é um baluarte dos recursos genéticos do Brasil, a nossa "Primeira Dama"! Sua luta pelos recursos genéticos do nosso país é reconhecida internacionalmente, assim, é uma grande honra para nós que tenha aceito esta entrevista, nosso muito obrigado!
